

## UM BREVE QUESTIONAMENTO SOBRE FICÇÃO E HISTÓRIA, EM SUETÔNIO

*José Mario Botelho* (UERJ)  
[botelho\\_mario@hotmail.com](mailto:botelho_mario@hotmail.com)

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é a uma breve digressão acerca do caráter ficcional ou histórico em Suetônio, tomando como base, a tradução livre e a análise preliminar dos quinze primeiros parágrafos do “Livro VI: Nero”, que compõe os doze livros do seu livro *Vidas dos Doze Césares*, em que o autor retrata o período no qual Nero nasce, cresce e inicia o seu governo, como imperador de Roma. Primeiramente, esbocei uma noção sobre a diferença entre ficção e história, tomando como ponto de partida certas afirmações e observações de autores renomados como Charles W. Fornara (1983), Philip Stadter (2007), Luciano de Samósata (2009) e Anderson de Araujo Martins Esteves (2010), e apliquei no referido fragmento do “Livro VI: Nero”, de *Vidas dos doze Césares*, de Suetônio, para compreender e avaliar a estrutura dessa narrativa.

**Palavras-chave:** Historiografia. Nero. Ficção e história. Doze Césares.

### 1. Introdução

De certo, não se pode desprezar o valor linguístico e literário da obra de Suetônio, até mesmo porque se deve valorizá-la por sua inquestionável importância histórica. Tanto o é que, apesar da famosa *performance* verbal de Tito Lívio – em seu *Desde a fundação da cidade* – da tão valorizada essência clássica de Tácito – em seus *Anais* –, da presteza e imparcialidade de Plínio, o Velho – em sua *História natural* – até mesmo da elegância e fluência linguística de Plínio, o Jovem – em suas *Epístolas* para Trajano, em que descreve fatos históricos, atividades da corte entre tantos assuntos abordados e do estilo filosófico de Plutarco – em suas *Vidas paralelas* - em que desenvolve 64 biografias de vultos gregos e romanos, incluindo também personagens lendárias e de existência questionável ainda hoje, Suetônio é a referência mais usada sobre Nero, cuja índole se desenha à moda suetoniana até os nossos dias.

A verdade é que as obras historiográficas antigas têm sido a base para a construção ou reconstituição da história em si. Tais obras constituem a referência para os nossos estudos, porquanto constituem os pontos de vista, as percepções dos autores antigos e até mesmo suas convicções o elemento fundamental para o conhecimento que temos das sociedades que desenham, descrevendo suas personalidades importantes e como

eram vistas por seus contemporâneos e pelos que os conheceram posteriormente, porém bem antes de nós, os modernos.

Paul Marie Veyne (1998, p. 31) observa, inclusive, que o texto histórico é unicamente uma reconstituição, feita pelo historiador, que, tomando inicialmente a sua percepção e interpretação de fatos históricos que vivenciam propriamente ou que lhe chegam, soa para o leitor como uma verdade. Já dizia Keith Jenkins (2007):

Não quero dizer com isso que nós simplesmente inventamos histórias sobre o mundo ou sobre o passado (...), mas sim que a afirmação é muito mais forte: que o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a “realidade”. (JENKINS, 2007, p. 28)

Suetônio nos deixou a referida obra sobre os imperadores romanos sob tais condições; ele relata, analisa, digressiona e descreve, a sua maneira e vontade, personalidades, épocas e sociedades diferentes, impondo a sua percepção, que é a sua realidade e não a verdade inequívoca exatamente. E depois, temos de considerar que não há verdade absoluta.

Não se pode negar, portanto, que o seu *Vidas dos Doze Césares* constitui um conjunto grandioso e, por isso, fundamental para aqueles que desejam conhecer a Antiguidade Clássica Romana e como procederam os governantes da época.

Certamente, comparando-a com outras obras historiográficas de autores diversos como Tácito, por exemplo, muitas informações podem ser ficcionais, fruto de um sentimento negativo do autor ou tão simplesmente uma consequência da veia poética que habitava comumente o âmago da maioria dos escritores da época, cuja leitura essencial girava em torno dos clássicos poetas da Era do Ouro: Horácio, Vergílio, Ovídio, Propércio, Tibulo, especialmente. Convém lembrar que Suetônio era um erudito estudioso de retórica e advogado e que aquele momento era marcado por um declínio do interesse pela historiografia tradicional, a qual dava lugar à preferência crescente pelas biografias e sátiras.

Aliás, como observa Charles W. Fornara (1983), a diferença essencial entre o poeta e o historiador consiste no fato de que o poeta trata de sentimentos e o historiador, do objeto, conforme se depreende do seguinte trecho: "Em um mundo, o poeta deseja expressar-se; o historiador se esconde por trás dos sentimentos de seus personagens, que podem vagamente ser sentidas no curso peculiar tomada pelos acontecimentos de

sua descrição"<sup>103</sup>. (FORNARA, 1983, p. 169 – tradução nossa)

Logo, ficção e história não eram estanques naquela época e como afirma Charles W. Fornara, o que é relevante mesmo é o material histórico, que, não raro, provém da impressão que os autores antigos têm do fato que relatam.

A forma de relatar os fatos observados e caracterizar os seus personagens por parte de Suetônio não se me parece nem melhor nem pior que a forma de outros historiadores. É tão simplesmente a sua forma, o seu estilo, que têm a sua importância, não só por ser uma escrita de bom nível e de grande interesse do tradutor latinista, mas, sobretudo, pelo valor histórico de suas informações sobre os personagens que fizeram história.

Esse texto de Suetônio, com certeza, será perene, e todos que desejarem conhecer sobre Nero, que é o escopo do presente artigo, não poderão prescindir da leitura de sua obra.

Sobre o tema, poderão, também, ler a obra de Tácito, em que se verificam uma escrita primorosa e uma relativa imparcialidade na caracterização desse seu personagem, *sui generis*, como observa Anderson de Araujo Martins Esteves (2010, p. 13), já que tal caracterização também resulta de uma pesquisa e não de vivência presencial, pois a formula meio século depois do principado de Nero. Logo, o Nero dos *Anais Tacianos*, nas palavras de Anderson de Araujo Martins Esteves (*Ibidem*, p. 13) “é o Nero de Tácito por uma própria contingência do saber histórico, já que a história fora da narrativa (...) não deixa de elaborar um tipo de narrativa”.

Numa comparação entre as obras de Suetônio e de Tácito, podemos observar dois estilos diferentes, dois objetivos distintos, apesar de o objeto observado ser o mesmo, no caso deste breve artigo: a vida de Nero.

Em Suetônio, o fazer historiográfico caracteriza-se pelo excesso de descrições particulares, as quais poderiam ser consideradas desnecessárias. Alguns historiadores observam que o seu texto apresenta um apelo a mentiras, à dramatização da história, à valorização de detalhes sem importância e à falta de informações de detalhes verdadeiramente necessá-

---

<sup>103</sup> In a world, the poet desires to express himself; the historian hides behind the sentiments of his characters, or can dimly be sensed in the peculiar course taken by the events of his description.

rios para a história, o que o denominaria como prosa artística, ficcional e o fazem com um tom de desprezo.

Nesse artigo, em que me proponho a apresentar de forma breve para que se possa refletir acerca do caráter ficcional ou histórico do *Livro VI: Nero*, não me preocupei em valorizar tais caracteres e, com isso, expressar qualquer ideia de valor da obra em questão. Tenho a convicção, porém, de que ficção e história não são estanques, corroborando a seguinte asserção de Charles W. Fornara (1983, p. 170): “Em qualquer caso, é evidente que a história e a oratória, de alguma forma, complementam uma a outra, pois fornecem uma perspectiva potencialmente antitética em eventos”<sup>104</sup>. Principalmente, se considerarmos a ideia de que é a história que se converte em ficção, como digressiona Cizek (1991):

O discurso histórico se converteu, desta maneira, em uma bela ficção. Além disso, a poética explícita da história, (...), legítima de algum modo aquilo que se poderia definir como a poética implícita do discurso histórico. A defesa vibrante da *eloquentia* justifica o recurso à amplificação retórica, à dramatização, à tensão romanescas, à densidade extraordinária de informação, a uma abordagem muito visual dos fenômenos, quase cinematográfica, *avant la lettre*. (CIZEK, 1991, p. 144 *apud* ESTEVES, 2010, p. 53)

## **2. Um pouco sobre Suetônio e sobre a seu Vidas dos doze Césares**

Nasceu, provavelmente, em 69 da nossa era, um ano depois da morte do imperador Nero, não sendo, pois, contemporâneo deste, e faleceu em por volta de 141. Logo, não vivenciou o que relatou sobre Nero, que governou entre outubro de 54 e junho de 68.

Foi, no entanto, contemporâneo e amigo de Plínio, o Jovem, que viveu entre 61 e 114. Por ser sobrinho-neto de Plínio, o Velho, o qual foi contemporâneo de Nero e viveu sob o seu governo, o jovem Plínio deve ter ouvido muitas histórias sobre o referido imperador por parte de seu tio-avô. E certamente, como amigo de Suetônio, muitas vezes comentaram a respeito de suas atividades literárias e, não menos provável, a respeito de Nero e sua atuação como imperador, posto que era um dos doze personagens-alvos da obra de Suetônio.

Suetônio fora um respeitado estudioso dos costumes de sua gente em seu tempo e das sociedades romanas passadas. Escreveu muitas obras

---

<sup>104</sup> In any case, it is clear that history and oratory, if anything, supplement each other because they provide a virtually antithetical perspective on events.

eruditas, descrevendo personagens importantes daquelas épocas. Sabe-se, ainda, que se caracterizava por sua indiscrição devassadora das intimidades da corte romana, descrevendo, à sua maneira, os vícios dos príncipes e tudo aquilo que se comentavam sobre suas ações para se manterem no poder.

Aliás, o nosso historiador ou biógrafo foi filho de um tribuno da décima terceira legião e obteve prestígio na corte de Adriano, tendo sido, inclusive, *homo epistolis* (secretário para as correspondências particulares). Como teve um problema sério em relação à imperatriz Víbia Sabina, a esposa de Adriano, uma mulher independente e de gênio forte (comentava-se ter sido um caso amoroso.), foi afastado do cargo, juntamente com o seu protetor e amigo, o Prefeito do Pretório de Adriano, em 122 e, a partir desse ano, dedicou-se exclusivamente ao mister de escrever “histórias”.

Em sua vida adulta, foi contemporâneo apenas do último de seus personagens ilustres – Domiciano –, embora tenha vivido a era de outros príncipes: Nerva – sucessor de Domiciano; Trajano – sucessor de Nerva; Adriano – sucessor de Trajano. Convém ressaltar que esses três e mais os dois que governaram mais tarde: Antonino Pio e Marco Aurélio, foram considerados pelos historiadores antigos, corroborados pelos modernos, como os “cinco bons imperadores romanos”.

Durante a elaboração de seu *Vidas dos doze Césares*, terminado por volta de 121, no governo de Adriano, pôde vivenciar as ações daqueles três sucessores de Domiciano, mas os deixou de fora de sua obra mais popular, a qual foi dedicada ao amigo Caio Septício Claro, de quem foi secretário particular.

A referida obra tem sido considerada uma das mais importantes fontes sobre a história da vida de Roma. A obra relata e ressalta o período crítico e, sobretudo, importante de Roma, como um território governado por príncipes – Principado – do início da República, reformulada por Augusto, como o Primeiro Cidadão (*princeps* – príncipe), isto é, imperador, com poderes e privilégios excepcionais e, por conseguinte, o início do período imperial sem transição, até o governo do imperador Domiciano.

Os doze personagens descritos por Suetônio são, além de Júlio César, considerado por toda a literatura específica como um ditador, nesta ordem: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano.

Tudo leva a crer que Suetônio se inspirou no modelo de Varrão (do Séc. II-I a.C.) e de Cornélio Nepos (do séc. I a.C.) para elaboração da obra em referência. Contudo, o nosso escritor revela uma particularidade: uma curiosidade aguçada pelos aspectos humanos de seus biografados, característica comum em sua época. A preferência pelo escândalo e as intimidades dos biografados era crescente entre os leitores, que demonstravam pouco interesse nas obras puramente históricas.

Daí, certamente, ter-se empenhado nesse tipo de fazer histórico: ressaltar os detalhes de natureza particular, íntima de seus biografados, com um toque de malevolência bem a seu estilo.

Em tal narrativa, especialmente no *Livro VI: Nero*, o autor preferiu enfatizar tais pormenores sobre Nero, apesar de não ter deixado de citar, comedidamente, as particularidades boas do referido imperador.

Essa obra fora muito importante para o imperador Adriano, que tinha um claro interesse em abalar a figura e as obras dos fundadores do regime imperial, visto que Adriano se esforçava para transformar o sistema governamental da época em uma autocracia. A obra de Suetônio, portanto, tinha tudo para ser um dos instrumentos propagandistas para ofuscar a memória dos imperadores que, bem ou mal, se esforçaram para conservar o Senado e as relações com este, instituídas anteriormente por Augusto.

Para isso, Suetônio enfatiza nessa obra os detalhes curiosos e maliciosos da família, do nascimento, da educação, da chegada ao trono, das atividades militares, legislativas e de bem comum, da moralidade e da morte dos seus personagens, como veremos a seguir, ao apresentar a leitura do fragmento que destaquei acerca da vida de Nero.

Convém ressaltar, ainda, que as fontes são restritas e pouco confiáveis, além dos documentos oficiais, que não são em grande quantidade. Aliás, tais fontes são praticamente as mesmas utilizadas por Tácito em sua obra também biográfica como um todo.

A linguagem utilizada, porém, são distintas: Tácito demonstrou ser mais austero e preocupado com o fato histórico (o que o fez ser considerado um historiador por certos críticos), enquanto Suetônio foi mais gracioso, malevolente e maledicente, quiçá inventivo (segundo alguns críticos) acerca da índole do biografado, já que não presenciara nada do que relatou.

### 3. Sobre a diferença entre ficção e história

Primeiramente, é mister lembrar o conceito de *alelopoiesis* (gr. *Ἀλλήλων*): um a outro e *ποίησις*: poesia, narrativa, uma poesia (ou narrativa) de confronto e de influência recíproca entre aquele que escreve e aquilo sobre o qual se escreve.

Vê-se que não há propriamente uma deturpação do real, mas uma realidade construída a partir de fatos existentes de alguma forma: presença física, documentação oficial, relatos (orais ou escritos) de experiências, imagens e até mesmo o produto da reflexão epistemológica.

De certo, o termo “ficção” tem sido concebido como o ato ou o efeito de fingir, ou seja, uma simulação ou o fruto da imaginação humana, que resulta normalmente numa invenção fabulosa. Assim, uma literatura ficcional ou de ficção é uma literatura fabulosa, inventiva ou falsa, como o é o termo um tanto quanto paradoxal “ficção científica”, a qual se refere a uma narrativa, baseada no progresso científico-tecnológico, de cunho futurista, que praticamente antecipa ou procura antecipar as novas descobertas científicas.

No quinto capítulo, de *The nature of history in ancient Greece and Rome*, inicia Charles W. Fornara a discussão sobre os pontos de contato entre historiografia e outros gêneros e modos do pensamento, afirmando que não tem relevância a diferença entre a expressão do poeta e a do historiador acerca de um objeto observado.

O autor (*Ibidem*, p. 169) afirma que, embora “o historiador se esconda por trás dos sentimentos de seus personagens, (...), a diferença é irrelevante para a matéria em causa, o que muitas vezes consiste em ‘material histórico’”. Mais adiante, o autor observa que a oratória e a história, apesar de terem perspectivas distintas dos fatos, elas se complementam de alguma forma.

Certamente, o dramático sempre exerceu uma significativa influência sobre o historiador antigo, porque a estrutura dramática facilitava o desenvolvimento dos eventos históricos.

A seguir, quando Charles W. Fornara observa que Apolônio também assimilou o método da historiografia, já que a estrutura do poema era a mesma da narrativa histórica, com digressões, descrições e diálogos, o autor afirma que o que vai distinguir a historiografia do poema é a objetividade daquela.

Quanto à diferença entre historiografia e biografia, cuja discussão é ainda mais complexa, uma vez que é muito tênue a linha demarcatória (se é que existe) entre tais gêneros, Philip Stadter (2007) observa que esses gêneros se confundem e se torna difícil fazer uma distinção perfeita entre eles.

O que se constata, de fato, é que tanto a historiografia quanto a biografia se relacionam com os fatos históricos. A biografia se caracteriza pelo enfoque que o autor dá, na sua narrativa, ao personagem-alvo – o biografado – enquanto a historiografia se caracteriza pelo enfoque dado por seu autor ao fato propriamente dito.

Sabe-se que tais gêneros nasceram distintos e, ao longo do tempo, principalmente a partir do século II d.C., se confundiram: São Jerônimo afirma que os *Anais*, de Ênio, eram *vidas*; Plínio diz que as narrativas de Tácito eram *histórias*; Plutarco, ele próprio, informa que não escrevia *histórias* e sim, *vidas*. De certo, Plutarco não foi um crítico literário, ainda que seja um fato que toda crítica feita pelo próprio autor constitua uma defesa do tipo de obra que produz, uma vez que críticos já se digladiavam sobre o tema em seu tempo.

Luciano de Samósata, um crítico do século II da nossa era e, logo, contemporâneo de Suetônio, em sua maturidade intelectual na época do imperador Marco Aurélio, escreveu o seu *Como se deve escrever a história*. Não fez nenhuma referência a Suetônio ao criticar os maus historiadores até então.

Em suas orientações de como ser um bom historiador, o autor demonstra certa austeridade e conveniência entre a crítica e as suas sugestões, mas o seu tom, por vezes, sarcástico abala tais asserções por ele feitas.

Em sua obra, contudo, vislumbra-se uma oposição entre a provável verdade da história e a verdade bajulatória das narrativas daqueles historiadores criticados. Logo, a sua tônica não é exatamente o cotejo entre “verdade” e “mentira”, mas o confronto entre “verdade” e “bajulação”, porquanto a história prescinde de bajulação e tem um compromisso com a imparcialidade e a justiça de assuntos políticos mormente. Ressalta-se aqui uma de suas asserções: “Uma das mais altas qualidades de um historiador é a de ser dotado de *inteligência política*”. (SAMÓSATA, 2009, p. 65)

Em seu texto, Luciano de Samósata, de imediato, distingue histó-

ria de encômio (poesia laudatória), cuja fronteira, segundo ele, ignoram muitos historiadores – ou, mais especificamente, os escritores de biografia.

Não nega que há lugar para o louvor nos textos históricos, mas com comedimento, mostrando e ordenando os fatos de forma bela, porém, o mais claramente possível; o excesso de liberdade deve ser evitado para que não se transforme a história em poesia:

O defeito é se alguém não sabe separar o que é da história daquilo que pertence à poesia, mas introduz na história os adornos da outra – o mito, o encômio e os exageros que neles há – como se vestisse um desses atletas fortes e completamente resistentes com uma túnica de púrpura e outros enfeites de cortesãs e lhe esfregasse no rosto ruge e pó-de-arroz: “na poesia, com efeito, há pura liberdade e uma única regra: o que parece ao poeta. (SAMÓATA, 2009, p. 8)

Na verdade, como observa Anderson de Araujo Martins Esteves (2010, p. 54) “a escrita da história em Roma sofreu, a partir do principado um desvio em relação ao padrão analítico tradicional, em que a narrativa era dividida pelo ano civil”. Nessa época, o governo de cada príncipe tornava-se mais importante para a periodização da história. Daí, o interesse pela biografia, e a de Tácito e, em seguida, a de Suetônio, exerceram um papel inquestionavelmente importante para a historiografia.

Anderson de Araujo Martins Esteves observa, ainda, que tal ênfase no imperador, característica da biografia da época, não constitui fundamentalmente a distinção entre ela e a história; o que distingue, de fato, para Anderson de Araujo Martins Esteves (2010, p. 54-5) é a “seleção do objeto, como tratamento literário dado a ele”.

Por isso, o referido autor reclama o *status* de história para os *Anais*, de Tácito, que, a seu ver, não se pode dizer que se trata de uma obra biográfica, na qual a linguagem e o estilo são menos trabalhados do que os da prosa historiográfica. Corroborando Sonnabend (2002, p. 2 *apud* ESTEVES, 2010, p. 55), ressalta que “em geral, ela (a biografia) é despretensiosa, simples e sem grandes ambições literárias”.

Então, o que diria o referido autor acerca da obra-alvo deste artigo? O estilo e a linguagem mordaz de Suetônio são simples, ainda que não me pareça “sem grandes ambições literárias”, porquanto é uma grandiosa obra, não só pelo alcance informativo – sobrevive até os dias de hoje e tende a sobreviver por todo o sempre –, mas, sobretudo, pelo seu valor didático. É exatamente a sua simplicidade linguística e de estilo (questionável, uma vez que era o estilo da época) o seu grande valor para

tradutores e para quem tem o mister de lecionar a língua latina.

E é sobre este prisma que esboço uma análise do trecho destacado da biografia escrita por Suetônio, lembrando que Wallace (1983) nos ensina que Suetônio era muito preocupado com os vícios e as virtudes dos seus biografados e que, embora apresentasse uma carga menor de preocupação com a moral, também se utilizou desse mote.

O fato de Suetônio ter valorizado as virtudes principescas, já que se definia um príncipe, baseando-se, por exemplo, no escudo das virtudes de Augusto, só confirma que o nosso autor procurava ser fiel ao modelo preferido da época

Plutarco, ao contrário, em suas narrativas biográficas, voltava-se para as questões religiosas ou apresentava uma análise do caráter de seu biografado com a intenção de educar a posteridade, de modo que essas gerações futuras não cometessem os mesmos erros de seus antepassados.

Em relação a Plutarco, muitos pesquisadores falharam em não dar importância ao conteúdo histórico presente em suas obras, rico no contexto histórico dos biografados e do contexto do próprio autor, como bem observa Silva (2006):

(...) em virtude de a obra biográfica ser vista como uma deformação da realidade, os estudiosos analisaram-na e enfatizaram suas características filosóficas e literárias. Com isso, relegaram ao esquecimento seus aspectos sociais e históricos. Para esses autores, a finalidade de sua obra seria a de divertir o seu público, bem como a de transmitir ensinamentos filosófico-moralistas para as gerações futuras. (SILVA, 2006, p. 49)

Também Momigliano (1993), em sua pesquisa sobre a biografia antiga, verificou que o gênero biográfico se tornou preferido durante o período imperial romano por razões contraditórias. Ele observa que a biografia da época “era uma forma natural de contar a história de um César; e por lado, era um veículo de ideias políticas e filosóficas não ortodoxas”<sup>105</sup> (*Id., ibid.*, p. 99).

---

<sup>105</sup> Biography gained prestige in the Imperial age for contradictory reasons. Biography was the natural form of telling the story of a Caesar. On the other hand, biography was a vehicle for unorthodox political and philosophic ideas.

#### **4. Leitura crítica dos quinze primeiros parágrafos do Livro VI: Nero**

Lembrando que o fazer historiográfico de Suetônio se caracteriza pelo excesso de descrições particulares, com um provável apelo a mentiras, à dramatização, à valorização de pormenores e à falta de informações detalhadas e necessárias para a história, como reclamam alguns historiadores, vou apresentar uma leitura crítica a partir de tal concepção.

Nessa narrativa, a do *Livro VI: Nero*, o autor enfatiza claramente os pormenores sobre Nero; cita, de forma comedida, como já dissemos, as particularidades boas do referido imperador e enfatiza detalhes curiosos e maliciosos da família, do nascimento, da educação, da chegada ao trono, das suas primeiras atividades militares, legislativas e de bem comum, da moralidade e da morte de Nero.

Veremos a seguir, ao apresentar a leitura do fragmento que destaquei acerca da vida de Nero, que Suetônio enfoca a origem do seu personagem, comentando sobre seus ancestrais, o seu nascimento, a sua infância, a sua ascensão ao trono e as suas primeiras atividades como imperador, como o fez de praxe com os demais biografados. Para isso, o autor separa os assuntos por parágrafos subdivididos categoricamente.

No primeiro parágrafo, subdividido em seis partes, podemos observar a história dos Calvinos e a dos Enobarbos, da estirpe Domícia e ancestrais de Nero, e o exercício do poder dessas famílias. Limitou-se, o autor, a informar como procederam os sete consulados, um triunfo e duas censuras entre eles, sempre com o nome de ou Cneu ou de Lúcio.

De interessante, destaco apenas a linguagem poética da narrativa inicial, com um sutil toque do imaginário a respeito da “barba ruiva” (“*rutila barba*”) dos personagens, e, na última parte, um mordaz comentário sobre a índole que Nero viria a demonstrar:

**1.1.** Da estirpe Domícia duas famílias tornaram-se ilustres, a dos Calvinos e a dos Enobarbos. Os Enobarbos têm, como autor de sua origem e também de seu sobrenome, L. Domício, a quem, quando retornava do campo, foram trazidos ao seu encontro dois jovens gêmeos de augusta beleza, que lhe ordenaram anunciar ao senado e ao povo uma vitória, da qual estava ainda incerto, e sobretudo, para a fidelidade de sua majestade, acariciaram-lhe as faces, de modo que dessem do negro um pelo ruivo similar ao bronze.

**1.2.** Este sinal permaneceu também em seus descendentes, e grande parte deles viveram com a barba ruiva.

(...)

**1.6.** Creio ser bom apresentar vários membros dessa família, para poder mostrar mais facilmente como Nero tenha degenerado a virtude dos seus ancestrais, como se, porém, ele tivesse herdado os seus vícios, quase transmitidos e inatos.

Em seguida, no segundo parágrafo, o autor se esforça para relatar a índole agressiva de Cneu Domício, o tataravô de Nero, ao cometer uma injustiça contra os pontífices, e a sua comemoração por uma vitória numa batalha. Apresentando, nas duas primeiras partes desse parágrafo, informações históricas importantes, mas não evitou as figuras de retórica na narração dos fatos (*quod aeneam barbam haberet, cui os ferreum, cor plumbeum esset.*):

**2.1.** Logo, para voltar um pouco mais no tempo, assinalarei que seu tataravô, Cn. Domício, quando tribuno, foi muito ofensivo com os pontífices, que haveriam escolhido outro que não ele para o lugar de seu pai e, por isso, retirou dos diversos colégios o direito de eleger os sacerdotes, passando-o ao povo. Além do mais, em seu consulado, tendo superado os Alobroges e os Arvernos, em um elefante, percorreu a província, e como numa solenidade de triunfo, a multidão de soldados o segue.

**2.2.** Sobre ele disse o orador Licínio Crasso que não era de se admirar que, como tivesse a barba de bronze, sua boca fosse de ferro e o coração, de chumbo.

(...)

No terceiro parágrafo, Suetônio se limita a fazer comentários sobre um querido filho de Pompeu que foi o único punido pela lei Pédia, apesar de inocente, que se aliou a Marco Antônio e mais tarde a Augusto:

**3.1.** Deixou um filho que, de longe sem dúvida, deveria ser o preferido de todos da família.

**3.2.** Ele foi condenado pela lei Pédia entre os cúmplices do assassinato de César, embora fosse inocente, e se juntou a Cássio e Bruto, aos quais se ligava por parentesco; logo depois da morte de ambos, conservou e também ampliou a frota que um dia lhe fora confiada, e só a entregou a M. Antônio após a definitiva derrota de seu partido espontaneamente e como um notável favor.

(...)

**3.4.** De fato, Antônio, com o desejo dele, se afastara de seu acampamento com saudades de sua amiga Sevilia Naide.

Não se verifica, porém, no trecho acima, nenhum excesso na linguagem utilizada, além da informação desnecessária da última parte. Também não se verificam informações de real importância para o fazer histórico, necessárias à narrativa histórica. Também aqui se pode observar esse caráter biográfico da narrativa suetoniana.

A seguir, no quarto parágrafo, é o nascimento de outro Domício, o pai de Nero, e sua crueldade, que recebem a atenção maior do nosso biógrafo. Contudo, não deixou de relatar as boas ações do personagem, que, como edil, deixou um legado. Também não se verificam excessos por parte do autor.

**4.1.** Desse, nasce Domício, o qual foi marcado, por ser comprador do patrimônio da família, no testamento de Augusto e, em seguida, publicamente, não menos famoso na adolescência por sua arte de conduzir aurigas do que, logo depois, pelas honras triunfais da guerra germânica.

**4.2.** Verdadeiramente arrogante, pródigo e cruel, o edil obrigou o censor L. Planco a ceder-lhe o lugar na estrada; em honra da pretura e do consulado conduziu ao teatro os cavaleiros romanos e as matronas para atuarem como comediantes.

**4.3.** Construiu calçadas tanto no circo como em outras regiões de Roma, e também uma luta de gladiadores, mas com tanta violência, que foi necessário a Augusto quão inutilmente reprimi-lo por meio de um edito.

Em seguida, tem-se a narrativa sobre os ancestrais mais próximos de Nero, com o enfoque em seu detestável pai, que é desenhado como um descontrolado, extremamente mau e desonesto – um verdadeiro criminoso – e o anúncio do nascimento de Nero.

**5.1.** De Antônia, a velha, nasceu o pai de Nero, em toda a parte da vida detestável, pois, como companheiro do jovem C. César ao oriente, matou um liberto seu, porque se recusara beber tanto quanto fora ordenado, e, expulso da corte de seus amigos, por nada mais modesto se mostrou; pelo contrário, numa aldeia da Via Ápia, de repente com suas mulas atropelou uma criança da cidade e, em Roma, no meio da praça, arrancou um olho de certo cavaleiro romano que muito livremente o censurava.

**5.2.** De fato, era tanta deslealdade que não só fraudara os banqueiros pelos preços das coisas compradas, mas também, na pretura, os condutores com as premiações das vitórias. Marcado por isso e pelo chiste de sua irmã, com os queixumes dos chefes das equipes, decretou para o futuro as premiações que deveriam ser pagas a vista.

**5.3.** Acusado também de lesa-majestade, de adultérios e de relações incestuosas com sua irmã Lépidia, com a mudança das circunstâncias se salvou e morreu com o mal da água intercutânea (hidropisia) em Pírgos, deixando um filho, Nero, de Agripina, a filha de Germânico.

A linguagem utilizada revela uma repulsa total em relação ao personagem por parte do escritor, que caracterizaria uma das suas particularidades, observadas por alguns historiadores: um apelo à dramatização da história e à valorização de detalhes sem importância com um tom de desprezo. Além da falta de informações de pormenores verdadeiramente necessários para a história.

Certamente, nesse quinto parágrafo, tem-se a confirmação de que Suetônio ressalta os detalhes de natureza particular, íntima de seus biografados, com um toque de malevolência bem a seu estilo.

A narração do nascimento de Nero e sua sofrida infância e o atentado ocorrido quando dormia dá-se no sexto parágrafo, que Suetônio divide em oito partes. Logo na primeira, o autor faz uso da linguagem metafórica (*Nero natus est (...), paene ut radiis prius quam terra contingeretur.*).

**6.1.** Nero nasceu em Âncio, nove meses depois que Tibério morreu; dezoito dias antes das calendas de janeiro tão logo o sol nasceu, assim como que quase antes que a terra fosse tocada.

(...)

**6.3.** Um sinal evidente enfatizou as desgraças de seu futuro no dia da purificação; assim, Caio César, solicitado pela irmã a dar o nome que quisesse à criança, olhando para Cláudio, seu pequeno tio, por quem mais tarde como imperador Nero seria adotado e falou que daria o nome dele. E não disse a sério, mas por brincadeira, e Agripina desdenhando, pois Cláudio, na época era apenas um bobo da corte.

(...)

**6.8.** Acrescenta-se à lenda que eles, apavorados com uma serpente elevando-se no travesseiro, fugiram. Essa fábula se originou da descoberta, no leito dele, perto do travesseiro, de uma pele de serpente, as quais, porém, por vontade da mãe, presas a um bracelete de ouro no braço direito, Nero usou por muito tempo, mas, por fim com o tédio da lembrança materna, jogou fora, e de novo procurou os retalhos em suas últimas desventuras.

Podemos constatar que, também nesse parágrafo, o autor se vale da dramatização da história e valoriza detalhes sem importância com um tom malicioso e de desprezo (*Eiusdem futurae infelicitates signum euidens die lustrico exstitit*). Além da falta de informações realmente necessárias para a história, a narrativa da oitava parte ganha um caráter ficcional, fabuloso ou inventivo (*Additum fabulae eosdem dracone e puluino se proferente conterritos refigisse.*).

Contudo, a narrativa ganha, no sétimo parágrafo, um caráter propriamente histórico, pois Suetônio parece evitar excessos. Inicia o parágrafo, ressaltando uma virtude de Nero; relata a sua adoção por Cláudio; comenta, de forma comedida, sobre as más inclinações do biografado; sua toga viril; suas dignidades e seu casamento com Otávia.

**7.1.** Jovem até então, nem ainda em plena adolescência, representou muitas vezes e favoravelmente nos jogos circenses em honra de Troia.

**7.2.** Aos onze anos, foi adotado por Cláudio e confiado ao já então senador Aneu Sêneca como discípulo.

(...)

**7.5.** Além disso, com seu testemunho, destruiu a ré Lépida, agradando à mãe, pela qual a ré fora acusada. No Fórum, conduziu a toga viril e ofereceu presentes ao povo e donativos aos soldados e, passando em revista os pretorianos, apresentou-lhes o escudo com a sua própria mão; depois rendeu graças ao pai no Senado.

(...)

**7.8.** Não muito depois, desposou Otávia e ofereceu em honra de Cláudio uma caçada e jogos circenses.

Suetônio continua apresentando uma narrativa de caráter propriamente histórico, sem os excessos. No oitavo parágrafo, narra sobre o anúncio da morte de Cláudio e a ascensão de Nero, aos dezesseis anos, a imperador com a saudação do povo nos degraus do palácio, e enfatiza a sua dignidade.

**8.1.** Aos dezessete anos, anunciou publicamente a morte de Cláudio; (...) E sobre os degraus do Palácio foi saudado imperador; seguiu de liteira para o acampamento dos pretorianos e de lá discursou rapidamente aos soldados convocados e se dirigiu à cúria e saiu somente à tarde. De todas as grandiosas honras, que acumulou, somente a do título de pai da pátria recusou, por causa da sua idade.

Ressaltando, nas quatro partes do nono parágrafo, uma virtude de Nero – a piedade – relata o louvor feito por Nero a Cláudio em seu funeral e as homenagens, que rendeu ao seu pai. E relata uma ação meritória de Nero – a instituição da colônia de Âncio para veteranos e adidos do Pretório.

**9.1.** Tendo passado disso para a ostentação de piedade, louvou Cláudio no funeral magnificamente e o consagrou sublime.

**9.2.** Rendeu grandes honras à memória de seu pai Domício.

(...)

**9.4.** Instituiu a colônia de Âncio para veteranos recrutados e os adidos ao pretório, por mudança de domicílio com os mais ricos dos primipilários; e lá ergueu um porto suntuosíssimo.

Nos parágrafos seguintes, Suetônio se utiliza de uma linguagem bem comedida e o apelo à dramatização não são verificados.

No décimo, ressalta as demonstrações de generosidade, clemência e amabilidade do biografado, que também se apresenta como poeta, de-

clamando em público e consagrando seus versos a Júpiter, no Capitólio.

**10.1.** Para ostentar ainda melhor a sua índole, declarou que governaria conforme os princípios de Augusto e não perdeu nenhuma ocasião de manifestar generosidade e clemência, nem mesmo amabilidade.

**10.2.** Revogou ou diminuiu os impostos muito pesados. Reduziu a um quarto as recompensas concedidas aos delatores da lei Pápia. Distribuiu ao povo quatrocentos sestércios por pessoa e decidiu que todos os senadores vindos da alta nobreza, mas arruinados, receberiam um salário anual, e para alguns chegava a quinhentos mil sestércios. E igualmente às cortes pretorianas, cotas gratuitas de trigo mensalmente.

(...)

**10.5.** Também admitiu a plebe em seus exercícios campestres e frequentemente declamou em público; recitou também poemas, não só em casa, mas também no teatro, tanta foi a alegria de todos que, depois da exibição, decretou-se uma ação de graças e esculpiram parte dos versos em letras de ouro, dedicada a Júpiter Capitolino.

No décimo primeiro, ainda de forma comedida, relata sobre como Nero compunha os seus espetáculos e sobre os favores que oferecia à plebe.

**11.1.** Produziu numerosas lutas de gladiadores e variados gêneros: Juvenálias, circenses, jogos cênicos e combates de gladiadores. Recebe também nas Juvenálias, como atuantes, as senhoras idosas e os consulares. Reservou, nos jogos circenses, lugares especiais aos cavaleiros e patrocinou também quadrigas de camelos.

**11.2.** (...) e eram lançados sobre o povo favores de todos os tipos por todos os dias: diariamente milhares de pássaros um a um e de todas as espécies, numerosos víveres, vales para pão, roupas, ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, quadros, escravos, bestas de carga e até mesmo feras domesticadas, novíssimos navios, casas particulares e terras.

Verifica-se, no trecho acima, assim como nos parágrafos nono e décimo, que a seleção do objeto e o tratamento literário dado a ele se afastam sobremaneira da prática suetoniana e se aproximam do fazer historiográfico proposto por alguns críticos.

Também poderemos constatar tais características nos parágrafos seguintes.

No décimo segundo, no qual a narrativa está centrada no fato histórico – seus jogos quinquenais, que denominou “Neronianos” com o confronto entre senadores e cavaleiros.

**12.1.** A esses jogos assistia do alto do proscênio.

**12.2.** No combate, que ofereceu num anfiteatro de madeira na região do campo de Marte, construído em um espaço de um ano, não assassinou ninguém, nem mesmo os criminosos.

**12.3.** Ainda apresentou, no entanto, nos combates, quatrocentos senadores e seiscentos cavaleiros romanos, e alguns dentre eles gozavam de íntegras fortunas e reputações. Dessas duas ordens pertenciam também os matadores de feras e os diversos operários da arena.

**12.4.** Apresentou, também, uma naumaquia com monstros marinhos nadando na água; também algumas danças pírricas sob a cadência de efebos, aos quais, após terminada a obra, ofereceu diplomas de cidadania romana um após o outro.

(...)

**12.7.** Foi o primeiro de todos que instituiu a disputa quinquenal em Roma, tripla, à moda dos gregos: musical, gímnico e hípico, ao qual denominou “Neroniano”; e depois de consagrados umas termas e um ginásio, ofereceu óleo aos senadores e também aos cavaleiros.

(...)

**12.10.** Convidou as virgens Vestais para o espetáculo dos atletas, já que em Olímpia também era concedido às sacerdotisas de Ceres assistir ao espetáculo.

No décimo terceiro parágrafo, sobre a chegada do rei Tiridates e as homenagens feitas por Nero a esse até então inimigo público, Suetônio narrou com total imparcialidade e praticamente enfatizou o personagem adjuvante – o rei Tiridates.

**13.1.** Não injustamente, entre os espetáculos dados por ele, também a entrada de Tiridates em Roma, que me conste.

(...)

**13.3.** Primeiramente, entrou, surgindo por uma rampa e ajoelhou-se diante de Nero, que o levantou com a mão direita e o beijou; em seguida, a seu pedido, removida a tiara, colocou um diadema, pronunciando para a multidão as palavras do suplicante, traduzidas por um pretor. Depois disso, conduziu-o ao teatro, e de novo colocou o suplicante ao pé de si à sua direita.

(...)

No parágrafo seguinte, sobre como Nero exerceu seus consulados, Suetônio continuou imparcial, relatou o fato histórico em si, dando-lhe a importância cabível para a história.

**14.1.** Exerceu quatro consulados: o primeiro por dois meses, o segundo e o último por um semestre, o terceiro por quatro meses; fez suceder os dois do meio, e diversificou os outros dois num intervalo de um ano.

Nesse último parágrafo do trecho destacada para a presente leitura, em que é narrado o modo de Nero conduzir a justiça: suas reformas e inovações, Suetônio se limita a observar o fato em si. Não expressa nenhum sentimento, nem um juízo de valor a respeito das ações do seu personagem-alvo, também sob uma linguagem denotativa, sem excesso, à maneira da proposta da prosa historiográfica.

**15.1.** Nas práticas jurídicas, não respondia aos postulantes senão no dia seguinte ao acaso e através do livro de registros.

(...)

**15.3.** Toda vez, porém, que se retirava para deliberar, nem deliberava nenhum ponto em público nem abertamente, mas, lendo em silêncio e a sós as sentenças escritas por cada um deles, pronunciava o julgamento que lhe agradava, como se isso fosse decidido do mesmo modo e pela maioria.

(...)

**15.6.** Concedeu a maioria dos consulados por seis meses, e com a morte de um dos cônsules nas calendas de janeiro, não o substituiu, criticando o antigo exemplo de Canínio Rébilo, que fora cônsul por um dia.

(...)

**15.8.** Na maioria das vezes, pronunciava os discursos enviados ao Senado sobre uma ou outra questão, por um cônsul, sem o dever nomeado de um questor.

Se tomássemos como referência o fazer historiográfico do trecho destacado, mormente a partir do parágrafo sétimo, Suetônio estaria escrevendo história, pois focaliza os fatos e não o personagem, sob uma linguagem denotativa, sem exageros, gracejos, maledicências e outras faltas, que vêm garantindo-lhe o rótulo questionável? Seria ele, pois, um biógrafo que se caracteriza pelo apelo a mentiras, à dramatização, à valorização de detalhes desimportantes e à falta de informações necessárias para a história, ou um historiador?

Como o objetivo deste artigo não constitui responder a tais questionamentos, mas sim, a apresentar um breve digressão acerca do caráter ficcional ou histórico em Suetônio, a partir da tradução livre e a análise desses quinze primeiros parágrafos do “Livro VI: Nero” de sua obra, reitero, para reflexão dos interessados no tema, a asserção de Anderson de Araujo Martins Esteves: "Com efeito, a historiografia era distinta da *história* não só pela seleção do objeto, como [também] pelo tratamento literário dado a ele. (ESTEVEES, 2010, p. 55)

## 5. Considerações finais

Com o presente esboço de análise do trecho destacado da obra escrita por Suetônio, espero ter oferecido aos eventuais leitores interessados elementos para uma reflexão acerca do caráter ficcional ou histórico do *Livro VI: Nero*.

Não houve, de fato, a preocupação em valorizar tais caracteres, nem expressar nenhum juízo de valor acerca da obra em questão.

Decerto, ficção e história não são estanques, pois acredito, como Charles W. Fornara (1983, p. 170), que a história e a oratória se complementam com os eventos que narram.

Também não considero importante, por não ser necessário, distinguir biografia de história com a intenção de valorar esta ou aquela. Distingui-las-ia por questões didáticas ou apenas para enquadrá-las em um gênero discursivo sob a égide da linguística, tomando como parâmetro uma análise bakhtiniana, por exemplo. Não o fiz por considerar desnecessária tal distinção sobre ser complexa uma discussão acerca do assunto e, sobretudo, por não ser o objetivo deste artigo.

De fato, o que deveras importa é que a estrutura narrativa do trecho da obra analisada, que denomino biografia, apenas porque gira em torno de um personagem principal – o imperador Nero – particulariza o seu autor. O fazer historiográfico de Suetônio não é melhor nem pior do dos seus antecessores e sucessores.

Não se pode negar que ele se caracteriza pelo excesso de descrições particulares, algumas vezes desnecessárias; apresenta, por vezes, um apelo à dramatização do fato observado; também valoriza detalhes sem importância, mas não deixa de apresentar informações necessárias para a história. Aliás, o conhecimento sobre Nero, por exemplo, chega-nos especialmente por Suetônio, embora haja outras biografias sobre o polêmico governante. A imagem que a modernidade faz do imperador Nero, verdadeira ou falsa, é exatamente aquela que Suetônio projetou.

Portanto, a narrativa de Suetônio constitui a história de Nero. E isso é o que realmente importa.

Certo de que muito ainda se tem que refletir sobre o tema, que não se esgota neste breve artigo, espero ter dado uma contribuição, ainda que pequena, aos estudos historiográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESTEVES, Anderson de Araujo Martins. *Nero nos Annales de Tácito*. 2010. Tese (de Doutorado). – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.
- FORNARA, Charles W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. California: UCP, 1983.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. Trad.: Mario Vilela, 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2007.
- LIMA, Marinalva Vilar de; CORDÃO, Michelly Pereira de Sousa. História e historiografia antigas: a construção de um gênero discursivo. *Mnemosine Revista*, vol. 1, n. 2, p. 269-91, 2010.
- MAIA, Eduardo Silva. *Ficção e história em De Vita Caesarum de Caius Suetonius Tranquillus*. 2007. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.
- MARTINS, Felisberto. *A crise do maravilhoso na epopeia latina*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1947.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *The development of Greek biography*. London: HUP, 1993.
- SAMÓSATA, Luciano de. *Como se deve escrever a história*. Trad.: Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco historiador: uma análise das biografias espartanas*. São Paulo: Edusp, 2006
- SONNABEND, Holger. *Geschichte der antiken Biographie*. Stuttgart: Metzler, 2002.
- STADTER, Philip. Historical Thought in Ancient Greece. In: KRAMER, Lloyd; MAZA, Sarah. (Eds.). *A Companion to Western Historical Thought*. Malden (Massachusetts): Blackwell Publishers Inc., 2007.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: UnB, 1998.
- WALLACE, Hadrill. *Suetonius: the scholar and his Caesars*. London: Duck-Worth, 1983.